

## ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO UTILIZADAS POR TRABALHADORES DE INDÚSTRIA TÊXTIL FRENTE AO TRABALHO REPETITIVO

### CONFRONTATION STRATEGIES USED BY WORKERS IN THE TEXTILE INDUSTRY AGAINST REPETITIVE WORK

### ESTRATEGIAS DE RECUBRIMIENTO UTILIZADAS POR LOS TRABAJADORES DE LA INDUSTRIA TEXTIL FRENTE AL TRABAJO REPETITIVO



**Alana Pires Dale**

Universidade Federal de Minas Gerais  
ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-6942-339X>

**Daisy Moreira Cunha**

Universidade Federal de Minas Gerais  
ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-0702-8132>

**Resumo:** O objetivo é identificar as estratégias de enfrentamento utilizadas por trabalhadores da indústria têxtil frente ao trabalho repetitivo. É um estudo de caso, embasado na Ergonomia e Ergologia. Participaram da pesquisa trabalhadores de uma indústria têxtil do interior do Brasil. Foram feitas observações, coletas documentais e entrevistas individuais semiestruturadas. As estratégias identificadas foram, a redução do ritmo e intensidade de trabalho, conhecimento em relação as máquinas e operações, ingestão de medicamentos para dor, evitar erros, alongamentos antes e durante o trabalho, maneiras particulares de transportar materiais. As ideias da ergologia foram aqui confirmadas, os trabalhadores mesmo guiados por prescrições colocam à frente de suas atividades seus saberes, valores, inteligências, experiências. Fazem uso destes para a realização da atividade, com preservação da saúde.

**Palavras-chave:** Movimento Repetitivo. Estratégias de enfrentamento. Indústria têxtil. Riscos ocupacionais.

**Abstract:** The objective is to identify the coping strategies used by workers in the textile industry in the face of repetitive work. It is a case study, based on Ergonomics and Ergology. Workers from a textile industry in the interior of Brazil participated in the research. Observations, document collections and semi-structured individual interviews were carried out. The strategies identified were, reducing the pace and intensity of work, knowledge about machines and operations, taking pain medication, avoiding errors, stretching before and during work, particular ways of transporting materials. The ideas of ergology were confirmed here, the workers, even

guided by prescriptions, put their knowledge, values, intelligence and experiences at the forefront of their activities. They make use of these to carry out the activity, with the preservation of health.

**Keywords:** Repetitive Movement. Coping strategies. Textile industry. Occupational hazards.

**Resumen:** El objetivo es identificar las estrategias de afrontamiento que utilizan los trabajadores de la industria textil ante el trabajo repetitivo. Es un caso de estudio, basado en la Ergonomía y la Ergología. Participaron de la investigación trabajadores de una industria textil del interior de Brasil. Se realizaron observaciones, recolección de documentos y entrevistas individuales semiestructuradas. Las estrategias identificadas fueron, reducir el ritmo y la intensidad del trabajo, conocimiento sobre máquinas y operaciones, toma de analgésicos, evitar errores, estiramientos antes y durante el trabajo, formas particulares de transporte de materiales. Las ideas de la ergología se confirmaron aquí, los trabajadores, incluso guiados por prescripciones, pusieron sus conocimientos, valores, inteligencia y experiencias al frente de sus actividades. Se sirven de éstos para realizar la actividad, con preservación de la salud.

**Palabras-clave:** Movimiento repetitivo. Estrategias de afrontamiento. Industria textil. Riesgos laborales.

## Introdução

No modo de produção capitalista, em que a obtenção de lucro é o objetivo principal do dono dos meios de produção, através do sobretrabalho que resulta em mais-valia, o que mais observamos é a exploração da mão de obra trabalhadora (NETTO; BRAZ, 2006). A questão que nos inquieta no momento desse estudo é a inadequação do trabalho ao sujeito trabalhador, indivíduos singulares. Despreocupação que pode acarretar sofrimento e adoecimentos ocupacionais diversos.

O campo escolhido para a realização da presente pesquisa é uma indústria têxtil, setor de grande tradição no Brasil, mas que desde 1990 vem passando por sérias crises em função da abertura comercial, que permitiu a entrada e conseqüentemente concorrência do mercado internacional, principalmente o asiático, que com produtos de valor muito inferior, acarretou as empresas nacionais sérias dificuldades financeiras, resultando no fechamento de várias indústrias. Atualmente no Brasil existem 29 mil

indústrias formais atuantes nesse ramo de atividade, é o 4º maior parque produtor de confecção e 5º maior produtor têxtil do mundo. No ano de 2017 o faturamento dessa cadeia de produção chegou a US\$ 45 bilhões, com investimentos de US\$ 1.900 milhão. A produção anual foi de 5,9 bilhões de peças. O setor emprega diretamente 1,479 milhões de trabalhadores e chega a 8 milhões incluindo as contratações indiretas, sendo 75% de mulheres. É o 2º maior empregador da indústria de transformação, atrás apenas do ramo de alimentos e bebidas (ABIT TÊXTIL E CONFECÇÃO, 2017). Destacando que esses dados englobam indústrias de produção de tecido (caso da presente pesquisa) e de confecções.

Não é uma exclusividade da indústria têxtil, mas nos diversos ramos em que ainda se presencia a utilização o modo de produção Taylorista, o trabalho é fragmentado, controlador e adoecedor. Esse mundo capitalista que vivemos nos colocou em moldes em que devemos sempre nos doar para suprir nossas necessidades básicas e nos manter trabalhando. Entretanto as organizações de trabalho não colocam como prioridade o bem-estar de seus trabalhadores, pelo contrário, a busca pela permanência e saúde fica a cargo de cada sujeito que realiza as atividades, eles que devem sempre criar estratégias para "driblar" os riscos presentes no ambiente laboral, como no caso dessa pesquisa em questão, os riscos de realizar movimentos repetitivos durante a jornada de trabalho.

Os referencias teóricos nos dão o suporte justamente para identificar estas estratégias, a ergonomia com a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real. E a ergologia trazendo o debate entre as normas antecedentes e as renormalizações.

A fim de entrar nesse mundo de debates e usos, é que temos como objetivo identificar as estratégias de enfrentamento utilizadas por trabalhadores de uma indústria têxtil frente a realização do trabalho repetitivo.

## CAMINHOS TEÓRICOS EM BUSCAS DOS USOS DE SI

As estratégias que mencionamos acima são ações ou comportamentos utilizados quando devemos lidar com um perigo ou inimigo, situações que apresentem problemas ou ameaças, como no caso de um ambiente de trabalho, na qual os elementos encontrados nesse espaço representem muitas vezes riscos à saúde física e mental dos trabalhadores. De acordo com Dias, Santos e Aranha (2015, p.221) “é da natureza do ser humano reconstruir o meio em que vive a fim de garantir a sua existência singular”.

Abrahão et al (2009) complementa afirmando que a atividade nem sempre ocorre dentro dos limites previstos nas tarefas, pois os trabalhadores criam suas próprias estratégias de enfrentamento, mas sem deixar de lado suas obrigações com a produção. Para tal feito é exigido deles investimentos de natureza física, cognitiva e afetiva, a fim de minimizar os efeitos nocivos sobre sua saúde.

A ergologia trata de várias questões no que diz respeito a essa busca por estratégias, não utilizando necessariamente esse termo, mas fazendo discussões que levam a tal entendimento. Na abordagem trazida por Schwartz e Durrive (2016) a reconfiguração, ou seja, renormalização das normas impostas é um ato universal na atividade humana. E por que os sujeitos fazem isso? A resposta é a busca por uma vida com saúde. De acordo com os autores, viver com saúde é não aceitar as imposições do meio, sem antes questioná-las, hierarquiza-las, tentar se adequar, criar, entre outras formas de adaptação.

A discussão de Canguilhem (2009, 2001) sobre a busca de saúde corrobora com o trazido aqui, de acordo com o autor, o sujeito que tem saúde é aquele que consegue instaurar suas próprias normas. Ele ainda completa, saúde é “um equilíbrio conquistado à custa de rupturas incoativas” (2009, p.131), onde o sujeito quando se defronta com as ameaças à sua saúde, cria novos elementos constitutivos para mantê-la, ou

seja, ser saudável é conseguir ser normativo frente as ameaças do meio, em diferentes situações, ter a possibilidade de tolerar as infrações em relação à normal habitual e criar novas normas. A vida é composta de debates, explicações, fugas e esquivamentos, e não como alguns a imaginam, monótona e retilínea.

A criação de estratégias é resultado de aprendizagens e experiências adquiridas com o tempo no trabalho. O saber fazer, as competências e subjetividades dos sujeitos são fundamentais na hora de definir tais estratégias, podendo o sujeito assim dominar a produção e seus desvios negativos. Em grande parte das ocasiões o que define estas escolhas individuais são os critérios de valores atribuídos por cada um (ASSUNÇÃO; LIMA, 2009, GUÉRIN et al, 2001).

Schwartz e Durrive (2007) trazem essas estratégias como um *fazer de outra forma*, ou seja, os trabalhadores estão constantemente renormalizando suas atividades. Essas mudanças têm a ver com a distância entre o trabalho prescrito e o real, este se remete a atividade realizada pelo *corpo si*, são atos que na maioria das vezes ocorrem de forma inconsciente, ou seja, o trabalhador não precisa pensar a todo momento no gesto que fará. E reforço colocando que essa distância é explicada de acordo com os valores presentes naquele ambiente, estes que guiam e definem cada atividade. Ainda sobre o *corpo si* os autores continuam, é o “árbitro no mais íntimo da atividade, não é um “sujeito” delimitado, definido, mas uma entidade enigmática que resiste às tentativas de ser objetivado (2007, p. 198)”.

As ações e comportamentos que demonstram as capacidades singulares são chamadas pela de *usos de si*, é no processo de reconhecimento desses usos que será possível compreender a utilização das estratégias de enfrentamento. A ergologia nos revela que o indivíduo isolado é composto de valores, saberes e competências. Atributos que dão margem para que os sujeitos reinventem certos modos de viver, de ser, de sobreviver consigo, com o mundo e com os outros, e é isto que os diferencia no momento da realização de uma atividade (SCHWARTZ; DURRIVE, 2016).

Durante o processo de trabalho, que é também o lugar de um problema, de uma tensão problemática, de negociações possíveis, não há simplesmente a reprodução, execução da tarefa, mas sim o *uso de si* pelo trabalhador, ou seja, o uso de um capital pessoal mais amplo, um arriscar no trabalho, reagir ao não antecipável, caso contrário seria somente o cumprimento do prescrito, o que na realidade não ocorre. Sabe-se que há a apropriação do trabalho imposto (por outros) por parte do trabalhador, sem deixar de lado sua história, valores, saberes, sua singularidade em geral (SCHWARTZ; MENCACCI, 2008, SCHWARTZ; DURRIVE, 2007, DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, SCHWARTZ, 2000).

Essa individualidade que tanto falamos é ainda mais evidente quando o sujeito redefine, hierarquiza e avalia seus valores e saberes de acordo com cada situação e exigência presente no trabalho, ou seja, faz o *uso de si por si*, além das normas que os regem, esse processo é chamado na ergologia de *renormalização*, essencial para que ocorra uma ação, pois somente prescrito não é suficiente (SCHWARTZ; ECHTERNACHT, 2007; SCHWARTZ; MENCACCI, 2008). As *renormalizações* são múltiplas gestões de variabilidade, de furos de normas, de tessituras de redes humanas, são difíceis de antecipar como serão feitas, pois são provenientes de seres singulares em situações de trabalho, permitindo variáveis micro-decisões que definem de forma concisa o resultado da atividade (SCHWARTZ, 2011a). Essas reinterpretações constantes de normas são necessárias pois propiciam o reconhecimento dos sujeitos como singulares e vivos. (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008). Além de propiciar o que mais destacamos nesse estudo, a criação de estratégias singulares para o enfrentamento dos desafios do meio (SCHWARTZ, 2000).

Tendo como base o objetivo geral deste estudo podemos considerar o *uso de si por si* como nosso ponto principal, pois este termo designa a capacidade de reinventar uma certa maneira de ser, de viver, de sobreviver e de sobreviver com os outros. Em outras palavras é a alquimia de um *corpo-si* que considera o pré-construído (o prescrito) e dá a ele a sua forma singular (SCHWARTZ; DURRIVE, 2016, SCHWARTZ; DURRIVE, 2016).

Essas situações em que o trabalhador deve fazer escolhas e tomar decisões para tratar dos acontecimentos que ocorrem na atividade Durrive e Schwartz (2008) denominam de *dramáticas do uso de si*, estas que são guiadas por debates de valores e de normas antecedentes (manuais, regras, prescrições, procedimentos, entre outros), ou seja, de quem realiza a atividade e de quem organiza a tarefa. A palavra dramática significa que tem algo acontecendo, em andamento, que está ocorrendo um debate normativo, e que é uma situação que todos passarão por ela, mas que não está prevista na partida. É uma história, não necessariamente trágica, como Schwartz e Durrive (2016, p. 38) colocam “é um destino a ser vivido”.

## **METODOLOGIA**

Realizamos estudos de casos, com caráter qualitativo, embasado na Análise Ergonômica do Trabalho (Guérin et al; Wisner) e na Abordagem Ergológica do Trabalho (Yves Schwartz). O alvo foram trabalhadores de uma indústria têxtil do interior do Brasil que realizam movimentos repetitivos durante sua jornada laboral.

A investigação foi dividida em duas partes, uma fase exploratória, que se refere à aproximação do problema de pesquisa com o local, população estudada e processo de produção. É uma fase de aprofundamento que visou emergir com detalhamento nas estratégias de cada trabalhador.

Na fase de exploração foi feito inicialmente o reconhecimento global da indústria, com visitas explicativas de todo o processo produtivo, que se refere a chegada do algodão, até saída do tecido já estampado, que possibilitou a elaboração de um fluxograma completo da indústria. Observações cursivas – sem diálogo com os sujeitos - e participativas – com alguns diálogos, mas sem intervenção no andamento das atividades - dos segmentos escolhidos. Para complementar as observações e a análise ergonômica (confrontação entre prescrito e real) coletamos também os

Procedimentos Operacionais (P.O.) adotados pela indústria, estes que são documentos escritos que contêm as operações que cada função deve realizar durante suas atividades. É um documento padronizado, sem adaptações às características individuais dos trabalhadores, ou seja, comum a todos os trabalhadores.

Três foram as funções escolhidas para a participação na pesquisa: arriador de filatório, operador de bobinadeira autoconer e operador de passador de 2ª passagem. Para essa seleção utilizamos o principal critério de inclusão do projeto, que é a realização do movimento repetitivo. Durante as observações todos os trabalhadores desses setores foram acompanhados, para a fase de aprofundamento nove foram os sujeitos participantes.

Com foco na imersão das estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores propomos a realização de entrevistas individuais semiestruturadas, guiadas a partir de temas geradores e da confrontação com o conteúdo observado.

Foram abordados temas como tempo de trabalho, rotatividades, formação profissional, idade, sexo, sensação de desconforto no trabalho, autonomia no trabalho, adoecimentos, entre outros.

A partir desses procedimentos buscamos imergir não só no verbalizado pelos trabalhadores, mas também as ações realizadas de forma inconscientes, com atitudes enraizadas, construídas e utilizadas ao longo de uma vida de trabalho. Como Schwartz (2000) menciona, os trabalhadores não param diante das máquinas que atuam e ficam pensando se fazem da maneira que lhe mandaram fazer, com o passar do tempo e a aquisição de experiência e saber, eles apenas fazem.

## RESULTADOS

Nas observações foram acompanhados 15 trabalhadores de 3 funções diferentes, divididos em, arriadores de filatório (3 homens e 1 mulher),



operadores de passador de 2ª passagem (3 homens e 1 mulher) e operadores de bobinadeira (7 mulheres).

Percebemos que existem características comuns às diferentes funções, como por exemplo a realização dos movimentos repetitivos, entretanto cada uma exige movimentos particulares de sua função e distintos entre cada trabalhador.

Alguns dados estão colocados no quadro abaixo e traz o perfil geral das três funções.

Quadro 1 – Perfil de algumas atividades realizadas em indústria têxtil do interior do Brasil

<b>Função</b>	<b>Layout do processo</b>	<b>Características observadas</b>	<b>Partes do corpo que podem ser mais comprometidas</b>
<b>Arriador de filatório</b>	Responsável por arrear, descarregar e carregar os filatórios	Realização de movimento repetitivo; permanecer todo o tempo em pé; carregar peso; postura ergonomicamente inadequada, risco de acidentes, exigência de agilidade, alta temperatura do ambiente; ruído elevado	Pernas; coluna; ombro; dedos; pescoço; cotovelo; punho
<b>Operador de passador de 2ª passagem</b>	Tem como principal função duplicar, uniformizar e paralelizar as fibras de algodão	Realização de movimento repetitivo; permanência todo o tempo em pé; alta temperatura do ambiente; alta intensidade de ruído; elevada quantidade de pó de algodão no ar; atenção constante;	Pernas; ombro; braço; cotovelo; coluna; dedos

		manuseio de grandes materiais; risco de acidentes; muitas tarefas, máquinas ergonomicamente inadequadas aos trabalhadores	
<b>Operador de bobinadeira autoconer</b>	Tem como principal função transformar as espulas dos filatórios em bobinas (troca de embalagem)	Realização de movimento repetitivo; permanência todo o tempo em pé; carregar peso; risco de acidentes; postura ergonomicamente inadequada; necessidade de atenção e agilidade constante; cobrança por qualidade do produto; múltiplas tarefas	Pernas; coluna; ombro; cotovelo; pescoço; dedos; punho

Fonte: Dados da observação da pesquisa em questão

Dentre as funções observadas, a de arriador de filatório é a que possui menor número de tarefas, obrigando os trabalhadores a permanecer por muito tempo concentrados em uma mesma atividade, que constitui basicamente no movimento de tirar espulas e colocar canelas nos fusos. Mas reitero que a repetição de movimentos está presente nas 3 funções observadas, já que essa é a característica obrigatória para a escolha dos grupos.

Os movimentos além de serem repetitivos, devem ser também ágeis, pois é de responsabilidade dos trabalhadores manter o controle e pleno funcionamento das máquinas em que atuam, evitando que parem, seja por falta de material, por falta de arriada ou de algodão. Em meio as tarefas na qual os trabalhadores são submetidos, a atenção constante ao funcionamento, movimentação das máquinas e o que acontece ao seu

redor é de fundamental importância, tanto para que a atividade ocorra de forma harmônica, quanto para que acidentes sejam evitados.

As causas de acidentes ou adoecimentos ocupacionais podem estar relacionadas a alguns fatores presentes nesse ambiente, dentre eles podemos citar como riscos à saúde, carregar caixas pesadas sem os devidos cuidados, manuseio de grandes materiais, permanecer por toda a jornada de trabalho em pé, na bobinadeira e no filatório existem momentos em que não há trabalho a se realizar, mesmo assim devem se manter no seu posto de trabalho, na posição de pé, às vezes por 2, 3 ou mais horas. Em relação as posturas adotadas na hora do trabalho, foram observadas muitas variações, de acordo com funcionários do Recursos Humanos da empresa eles buscam alocar trabalhadores com perfil antropométrico condizente com a máquina em que vão atuar, como por exemplo na bobinadeira, que é uma máquina baixa, só possuem mulheres trabalhando, relatam que elas se adequam melhor por terem uma estatura menor do que a dos homens. Entretanto foi possível perceber nas três funções, a adoção de posturas inadequadas e esforço excessivo para alcançar materiais.

Além disso existem outras características como temperatura elevada, ruído intenso e excesso de pó como fatores que podem ser prejudiciais à saúde dos trabalhadores à longo prazo, acarretando doenças do trato respiratório, problemas de audição, entre outros.

Quando questionados sobre metas quantitativas de produção, disseram não haver, mas citaram a cobrança pela qualidade dos produtos (espulas, bobinas), resultando em receio quanto a possíveis falhas e defeitos no material final.

Observamos acima que são diversos os riscos presentes nesse ambiente. Mas mesmo com tantos fatores que seriam chave para graves adoecimentos e afastamentos do trabalho, percebemos que muitos ali estão nessas atividades há anos, e essa questão que nos inquieta, quais estratégias de enfrentamento estes trabalhadores utilizam para, mesmo exercendo atividades com tantos riscos conseguir permanecer trabalhando?

As estratégias são construções coletivas, mas com usos e apropriações singulares entre os trabalhadores, construídas a partir da história de cada um, dos seus saberes constituídos e investidos, de seus valores pessoais, normas internas e experiências.

Para melhor ilustrar a população estudada na fase de aprofundamento, trouxemos um quadro com o perfil de cada trabalhador participante.

12

Quadro 2 – Perfil dos trabalhadores entrevistados

Nome	Idade	Tempo na função (anos)	Setor de atuação	Escolaridade
<b>Raquel</b>	25	4	Passador	Ensino médio completo
<b>João</b>	42	10	Arriador	Fundamental completo
<b>Túlio</b>	44	7	Passador	Quarta série do ensino fundamental
<b>Sofia</b>	49	8	Bobinadeira	Quarta série do ensino fundamental
<b>Pedro</b>	50	8	Arriador	Quinta série do ensino fundamental
<b>Fernanda</b>	53	30	Bobinadeira	Ensino médio completo
<b>Davi</b>	53	19	Arriador	Quarta série do ensino fundamental
<b>Érica</b>	56	4	Bobinadeira	Sétima série do ensino fundamental
<b>Maria</b>	60	10	Bobinadeira	Ensino médio completo

Fonte: Arquivo da autora (2019)

- **ARRIADORES DE FILATÓRIO**

Após o descarregamento das máquinas no filatório, os arriadores devem levar as caixas cheias de espulas para o setor das bobinadeiras, e o

modo como essas caixas são passadas de um carrinho a outro é bem particular entre os trabalhadores observados. Davi e Pedro optam por pegar de duas a três caixas de uma vez, alegando que mesmo sendo mais pesado fazer dessa forma, preferem pela rapidez, além de terem consciência de seus movimentos. João, diferente dos demais, pega somente uma caixa de cada vez, dizendo que prefere preservar seu corpo, sua saúde, que não há necessidade de realizar o trabalho com pressa.

Evitar erros como por exemplo, deixar que os fios se arrebenhem na hora de descarregar a máquina é outro ponto destacado por João e Davi, pois tomando esse cuidado evitam o trabalho de corrigir tais falhas, que são compostas de tarefas que exige agilidade, postura inadequada, além de resultar em um fio com pequeno defeito.

Os saberes dos trabalhadores são construções rotineiras. E até mesmo o adoecimento pode ser um proporcionador de aprendizagens, resultando em saberes da experiência e que auxiliam em atividades futuras. Foi assim com que Rogério, após uma lesão no cotovelo, ocasionada pelo movimento repetitivo de retirar espulas criou sua própria maneira de realizar tal ação, evitando assim outras patologias relacionadas à essa atividade.

Davi que já atua há 19 anos no ramo têxtil menciona que em certos momentos durante a arriada ele sente dores musculares na região do pescoço e nas pernas, então, para amenizar tal desconforto ele diminui seu ritmo de trabalho ou faz breves alongamentos com os membros superiores e inferiores, ações essas nunca incentivadas ou ensinadas pela empresa, mas sim criada pelo trabalhador a partir de sua necessidade.

- **OPERADOR DE PASSADOR DE SEGUNDA PASSAGEM**

Duas estratégias que possuem grande relação e que consideramos as mais relevantes dentre as utilizadas por tais trabalhadores tem a ver com o conhecimento sobre as máquinas, seu funcionamento e a dinâmica do trabalho. Ter esses saberes traz aos trabalhadores maior autonomia na

realização de suas atividades, e na forma de se proteger dos riscos presentes ali. Uma estratégia utilizada por Raquel e Túlio e que requer um planejamento por parte de cada trabalhador é a chamada “dobra de lata” ou como dizem “desigualar as máquinas”, que consiste em passar algodão de uma lata a outra, de forma que estas não se esgotem ao mesmo tempo, ou seja, tal ação evita que as atividades devam ser feitas com tanta velocidade, pois as latas esvaziarão em momentos diferentes, deixando assim o ritmo do trabalho mais lento.

Raquel assim como outros trabalhadores relata as dificuldades que enfrentou no início de sua carreira na fábrica. Um dos problemas que lhe atingiu foram dores decorrentes do esforço físico necessário para a realização das atividades, para isso a trabalhadora optou pela ingestão de medicamentos que amenizassem tais desconfortos, fazendo seu uso durante e /ou depois do turno de trabalho. De acordo com Raquel essa foi a forma que encontrou de se manter no trabalho, pois precisava do emprego.

Ainda sobre Raquel, ela confirma na entrevista um fato que havíamos observado, que busca sempre ter um comportamento bem descontraído, dialoga com todos os colegas, brinca, mesmo sabendo da proibição dessas ações por parte da organização da empresa. De acordo com a mesma esse é seu modo de ser, além disso, é uma forma de se distrair e conseqüentemente ter a sensação de o tempo passar mais rápido.

- **OPERADOR DE BOBINADEIRA**

Assim como em qualquer função dentro da fábrica, no setor das bobinadeiras o conhecimento sobre o funcionamento da máquina e seu ritmo é fundamental para conduzir as atividades de forma mais harmônica e tranquila. Um ponto foi destacado pelas quatro trabalhadoras entrevistadas (Fernanda, Sofia, Érica e Maria), o fato de terem que cuidar da parte da frente e de trás da máquina, tarefa antes não de suas responsabilidades. Há alguns anos atrás o operador de bobinadeira só realizava as tarefas da

frente da máquina, que se resumia há abastecer os magazines, tirar bobina e guardar canelas vazias. Mas com a redução do quadro de funcionários, suas tarefas foram ampliadas, e conseqüentemente houve a intensificação do trabalho, acrescentando a marcação, embalo e transporte das bobinas. Com tais mudanças as trabalhadoras se viram obrigadas a se reorganizar quanto ao ritmo e modos de realizar as atividades. Essa adaptação tem a ver com suas estratégias de proteção contra os riscos, já que os ritmos e intensidade de trabalho se tornaram maiores. De acordo com as operadoras o conhecimento que possuem em relação ao tempo que as máquinas gastam para desabastecer e para completar as bobinas são essenciais para criarem uma sincronia entre cada uma e sua máquina e prevenirem desgastes excessivos.

Diminuir o ritmo de trabalho intencionalmente quando sente desconforto é uma atitude adotada por Sofia, ela relata sentir dores na região do pescoço há algum tempo, ocasionada pelos movimentos repetitivos de abastecer os magazines, quando se tornam mais intensas ela reduz a velocidade dos movimentos.

Nem sempre o material que chega a bobinadeira é homogêneo, em muitos casos chegam caixas com espulas completas e as vezes incompletas. Percebendo a situação do material Érica menciona adotar a estratégias de misturar o material, evitando que alguns magazines conttenham só espulas incompletas (desabastecerão mais rapidamente) ou só espulas completas (demoram mais para desabastecer), ocasionando uma desarmonia entre as partes da máquina, conseqüentemente a desordem de suas atividades. Chamo a atenção para a importância da boa organização e harmonia do trabalho na bobinadeira, pois são múltiplas as atividades, que exigem agilidade e atenção das trabalhadoras e o espaço é bem limitado.

A ingestão de medicamentos é para muitos uma estratégia para se manter trabalhando, entretanto essa é somente uma medida paliativa, pois busca amenizar ou disfarçar o real problema. Mesmo assim essa é uma medida adotada por Fernanda, Maria e Sofia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentado nos dados adquiridos no estudo de campo (somados aos suportes teóricos), percebemos a existência de um núcleo conceitual, constituído por estratégias de enfrentamento, renormalizações e saúde. Estes três elementos revelam sobre as particularidades importantes do ambiente e do trabalho abordado. Faz emergir construções que só podem ser observadas naquele contexto, singular em seu espaço e tempo. São as alternativas de interpretação, possíveis frente a busca por um existir singular.

As situações reais, somadas às necessidades (de si impor sobre as prescrições), trazem à tona as estratégias (baseadas nos saberes formais e nos saberes da experiência), reveladas como renormalizações, estas que surgem como enfrentamento ao trabalho com características *invivíveis*, mas que embasados sob os debates existentes, conseguem realizar as regulações necessárias nas atividades. São essas ações, trazidas como questões humanas, guiados por valores e arbitragens que revelam as gestões de si, as escolhas feitas pelos trabalhadores em sua atividade, que resultam em variações do padrão esperado. São nessas situações imprevisíveis em que há a necessidade de construir um saber-fazer de prudência, destacando a importância para a manutenção da saúde no trabalho.

Muitos desses saberes se revelam no corpo, como agir e utilizá-lo na atividade, ele passa por um processo de aprendizagem, se faz prudente, como o exemplo das trabalhadoras da bobinadeira que reconhecem a qualidade do fio somente com um toque, lhe poupando gestos que poderiam ocasionar adoecimento. Nessa situação de trabalho pode-se incluir o desenvolvimento do tato, com a sensibilidade das mãos em reconhecer um material e a visão em observar o fio e identificar suas características.

As situações de trabalho, abordadas no estudo, revelam tarefas com características padronizadas, fragmentadas (entre os setores de produção), especializadas e com vigilância constante, destacando a grande força do



modelo taylorista de organização do trabalho. E isso revela que, não é o trabalho repetitivo o responsável único pelo adoecimento dos trabalhadores, principalmente quando pensamos em LER/DORT, pois são patologias multicausais, ou seja, surgem a partir de esforços físicos (uso repetido e/ou forçado de grupos musculares, manutenção de postura inadequada), somados a introdução de decisões vindas dos gestores do trabalho e de fatores psicossociais.

Mas, mesmo nas atividades padronizadas, como as citadas ao longo deste texto, foram reveladas diversas ações singulares adotadas pelos sujeitos, identificadas como estratégias de enfrentamento, que representam o trabalho real, construídas nas situações diversas, caracterizando os usos de *si*, conscientes ou não, mas que são necessárias nas diferentes situações de trabalho. Nos resultados de nossa pesquisa, realizada profundamente com nove trabalhadores, surgiram estratégias coletivas, caracterizadas como normas e costumes criados e transmitidos entre eles. Além disso, essas estratégias são utilizadas em momento distintos, são elas: utilizadas durante horário de trabalho, como a dobra de latas, a organização dos materiais nos setores, evitar que os fios se arrebenhem. Podem também ocorrer após o trabalho, como a ingestão de medicamentos para dor, reduzindo o desconforto acarretado pelas atividades realizadas durante o dia.

Mas outras se revelaram singulares, adotadas distintamente por cada trabalhador, de acordo com a necessidade da situação vivida. Antes de iniciar as atividades, cada operador em seu local disponível realiza atividades físicas como alongamentos, objetivando preparar o corpo para o dia de trabalho. Durante o turno laboral há estratégias como: maneiras como fazem o desabastecimento da máquina (com posturas, forças e ações diferentes), a forma como deslocam caixas e latas pesadas, a redução do ritmo de trabalho em momentos de dor intensa nos membros superiores, encostar na máquina quando há a sensação de queimação das pernas e pés, saberes específicos sobre os materiais trabalhados e tempos de cada máquina, desprender as espulas antes do desabastecimento. E

após saírem da empresa alguns citaram o descanso como estratégia importante para a recuperação frente ao desgaste ocasionado pelo trabalho.

Mesmo nessas estratégias ditas como coletivas, quando analisadas em seu aspecto mais ínfimo, se revelam singulares. Pois mesmo sendo criações embasadas em saberes conquistados e transmitidos entre o grupo, a maneira como cada um realiza a ação, em cada situação vivida é única, seja nos gestos, na força, no deslocamento, no momento em que fazem cada ação. São essas distinções dentro do coletivo que representam a real atividade, as renormalizações necessárias, o preenchimento das brechas com as normas próprias, assim eles conseguem manter-se no trabalho, mesmo entremeado de riscos.

As experiências auxiliam com toda a certeza, na manutenção da saúde de cada um, mas também no conhecimento sobre a atividade e das melhorias necessárias no ambiente e situações de trabalho, contradizendo em certos momentos as indicações gerais de proteção, como a realização de rodízios de função, método que se mostrou ineficaz no campo estudado em nossa pesquisa, pois interrompia justamente a construção de saberes e a adaptação do corpo aos postos de trabalho. Assim optamos principalmente por recomendações como: contratação de mais trabalhadores, instalação de novas máquinas e estruturas, melhorias no sistema de climatização e pisos, reforço na manutenção do maquinário, redesenhar os P.O., com a participação direta dos trabalhadores, criação de espaços para debates entre gestores e operadores. São medidas que devem ser tomadas principalmente pela gerência e que contribuirá ao bem-estar do trabalhador, assim como na produção final. Espera-se que a força capitalista dê importância aos interesses e necessidades dos que dia a dia enfrentam os riscos e se colocam à disposição para trabalhar.

O que ficou evidente também após a análise é que, estratégias não são positivas permanentemente, nem sempre solucionam o problema real, são meios encontrados pelos trabalhadores para, pelo menos, trabalhar sem

incômodos. Como no caso do uso de medicamentos, alternativa momentânea e que, posteriormente, pode resultar em danos ainda mais graves. Mas essa é uma responsabilidade exclusiva dos gestores do trabalho e não do trabalhador. Os responsáveis pela organização que gerencia essa atividade adoecedora, se assim não fosse, nenhum sujeito optaria ou seria indicado pelo médico a ingestão de remédios para burlar o adoecimento e sofrimento.

Assim devemos desconsiderar a ideia de sempre positividade nas estratégias, ou seja, são também alternativas possíveis no momento para a manutenção do emprego, fonte de renda.

## REFERÊNCIAS

ABIT TÊXTIL E CONFECÇÃO. **Indústria têxtil e de confecção brasileira**. 2013. Disponível em: <http://www.abit.org.br/>. Acesso em: 27 maio 2018.

ABRAHÃO, J. et al. **Introdução à ergonomia**: da prática à teoria. São Paulo: Blucher, 2009.

ASSUNÇÃO, A. A., LIMA, F. P. A. Aproximações da Ergonomia ao Estudo das Exigências Afetivas das Tarefas In: GLINA, D. M. R., ROCHA, L. E., (eds). **Saúde Mental e Trabalho: da Teoria e Prática**. São Paulo: ROCA, 2009, v.1, p. 210-228.

CANGUILHEM, G. Meio e normas do homem no trabalho. Tradução de Conceição Vigneron. **Pro-posições**, Campinas, v. 12, n. 2-3 p. 109-121, jul./nov. 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643999>. Acesso em: 24 abril 2019.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

DIAS, D. S.; SANTOS, E. H.; ARANHA, A. V. S. Contribuições da ergologia para a análise da atividade de trabalho docente. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 1, p. 211 – 227, 2015. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1202/389>. Acesso em: 23 abril 2019.

DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. Revisões temáticas: glossário da ergologia. Tradução de Liliana Cunha; Marianne Lacomblez. **Laboreal**, v. 4, n. 1, p. 23 - 28. 2008. Disponível em: [http://laboreal.up.pt/files/articles/2008\\_07/pt/23-28pt.pdf](http://laboreal.up.pt/files/articles/2008_07/pt/23-28pt.pdf). Acesso em: 09 jul. 2017.

GUÉRIN, F. et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. Tradução de Giliane M. J. Ingrata, Marcos Maffei. 1ª ed. São Paulo: Blucher: Fundação Vanzolini, 2001.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e uso de si. **Pró-Posições**, v. 1, n. 5, p. 34 – 50. Jul. 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644041/11485>. Acesso em: 04 jul. 2019.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho e Ergologia**: diálogos sobre a atividade humana. Tradução de Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Ed. Fabregactum, 2016.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 19 – 45. 2011a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v9s1/02.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

SCHWARTZ, Y ; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Tradução de Jussara Brito et al. Niterói: EdUFF, 2007.

SCHWARTZ, Y.; ECHTERNACHT, E. H. O trabalho e a abordagem ergológica: “usos dramáticos de si” no contexto de uma central de tele-atendimento ao cliente. **Teoria & Prática**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 9 - 24, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6029>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SCHWARTZ, Y.; MENCACCI, N. Trajectoire ergologique et genèse du concept d'usage de soi. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 9 – 13, jan./jun. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000156&pid=S1414-9893201000040000300021&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000156&pid=S1414-9893201000040000300021&lng=pt). Acesso em: 11 out. 2018.